

# ***Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade***

**Ilza Tourino Girardi**

Jornalista, doutora em Comunicação  
UFRGS, RS

**Carine Massierer**

**Reges Toni Schwaab**

Jornalistas, Mestrandos em Comunicação e Informação  
UFRGS, RS

---

## **Resumo**

Diante da crise ambiental mundial vivemos a constante necessidade de construção da pauta jornalística com base na discussão de questões que envolvam o funcionamento do ecossistema e a lógica da vida, o Desenvolvimento Sustentável e a preservação do meio ambiente. Por isso, propomos, neste artigo, a visão do jornalismo guiado por um paradigma que permita compreender o todo, sem isolar as partes, tenha uma abordagem qualificada e seja promotor do debate social sobre meio ambiente. Um jornalismo pela vida, no qual a sustentabilidade tenha papel central.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Jornalismo Ambiental, Sustentabilidade.

## **Introdução**

Buscamos aqui refletir sobre a compreensão do Jornalismo Ambiental dentro dos paradigmas ambientais contemporâneos, que têm a Sustentabilidade como elemento central. Não fazemos distinção de meio de comunicação, seja ele impresso, rádio, televisão ou internet, mas sim, falamos da inserção da visão ecológica no exercício diário do jornalismo. Pensamos um Jornalismo que, na atualidade, opera num cenário de centralidade da imprensa nos processos contemporâneos da sociedade.

Pela grande difusão da comunicação no mundo de hoje, as matérias jornalísticas constituem-se muitas vezes na única fonte de informação para um grande número de pessoas, o que aumenta a responsabilidade de quem as produz. No Brasil, por exemplo, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2002 (PNAD), de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que o percentual de domicílios com televisão era de 89,9% naquele ano. Quanto ao rádio, a pesquisa apontou que 87,9% das residências tinham o aparelho.

Este contexto demonstra o alcance dos meios de comunicação e a importância do jornalismo enquanto mediador dos processos de produção de sentido nas sociedades modernas. Assim, o jornalismo tem a função não só de gerar conhecimento, mas de provocar o debate. Este é exercício inerente à profissão, e que ganha uma carga extra de responsabilidade quando passamos a lidar com o tema ambiental, que impõe questões de caráter múltiplo e contraditório. Para Bacchetta (2000), dentro da gama de especializações possíveis, o jornalismo ambiental é um dos gêneros mais complexos:

*Si considerarmos al medio ambiente como el conjunto de sistemas naturales y sociales habitados por el humano y los demás seres vivos existentes em el planeta y de los cuales obtienen su sustento, el periodismo ambiental es uno de los géneros más amplios y complejos del periodismo (Bacchetta, 2000, p. 18).*

Apesar da mídia ter contribuído para instituir o debate público sobre os problemas ambientais ao divulgar massivamente, a partir da década de 70, assuntos relacionados ao tema, “pode-se ressaltar que a imprensa tende a comunicar uma visão ainda bastante banalizada da questão ambiental e o cidadão comum não consegue ver senão as aparências do problema” (Canuto, 1996, p. 130).

Segundo John (2001), ainda impera no jornalismo uma visão fragmentada a respeito de assuntos ambientais, derivada do fato de que os profissionais da área não têm formação específica para o tema e em razão das editorias não disporem de um espaço definido para o meio ambiente e nem para uma “cultura ambiental”:

*Diferente dos jornalistas de política, economia, polícia, internacional e mesmo esportes e lazer, o papel desempenhado pelos jornalistas ambientais ultrapassa os limites da notícia e penetra no campo incerto da educação. Incerto para jornalistas, que não têm, necessariamente, uma formação de educadores, mas acabam contribuindo para a formação de cidadãos “ambientalmente educados”, em suas tentativas diárias de traduzir as Ciências da Vida e da Terra para uma linguagem comum. (John, 2001, p. 88)*

Isto está ligado à outros fatores que são já uma herança do fazer jornalístico e que aos poucos vem sendo modificados. Com o novo papel assumido pelos jornais a partir da metade do século XIX, a função do jornalista foi definida como a de observador que relata com honestidade e equilíbrio a verdade. A instituição jornalística devia informar à população interessada sobre os fatos. Desde então, o jornalismo “atém-se ao real, exercendo um papel da orientação racional” (Mello, 1985, p. 09). Fundamentou-se como um processo social e articulado a partir das relações entre as organizações da sociedade (formais, oficiais, civis), a sociedade em si (população) e os canais que permitem a difusão das informações à coletividade. Coordena múltiplos emissores de informação e opinião, receptores e interesses diversos, que interferem e interagem na ação jornalística, pelo fato de o jornalismo ser também fruto dos processos culturais.

Importante situar em que situação hoje se produz informação, uma vez que o jornalismo está inserido no grande pacote midiático a que temos acesso, seja em grandes corporações ou em empresas de médio e pequeno porte. O mundo é midiático e, portanto, as pessoas estão abertas à circulação das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação, de massa. Para Sodré (2004), trata-se de um contexto de

domínio da produção simbólica, que tem efeitos importantes no campo social, uma vez que, a linguagem é produtora da realidade. A mídia (ou o conjunto dos meios de comunicação hegemônicos) se vale fortemente da ideologia globalista, a qual não compactua com a causa ambiental. Podemos refletir que

*[...] quando um grupo hegemônico obtém da sociedade a aceitação de uma ideologia, está obtendo aval semântico para uma plethora de pontos de vista, visões de mundo, articulações de senso comum e representações sociais guiadas por um sentido determinado, que pretende comum a todos, universal, verdadeira. Própria do mecanismo ideológico é a troca da parte pelo todo, isto é, da parcialidade de sentido (já que é apenas a unidade consensual de um grupo específico) por uma totalidade ou universalidade ilusória. (Sodré, 2004, p. 22)*

Conforme Moraes (2004, p. 187), as corporações de mídia tem tido papel estratégico na tarefa de "agentes operacionais" da globalização, no que ele chama de enunciação discursiva. Legitimam o discurso social dominante, propagando visões de mundo e modos de vida e transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas.

Chaparro (1994, p. 87) também lembra que vivemos em uma sociedade composta por organizações, que nos acolhem, educam e empregam. O fazer jornalístico, por sua vez, é igualmente fruto da atuação de uma organização, produtora de um bem necessário à sociedade. Nesta mesma linha, podemos observar ainda que

*[...] o jornalista, como todos os produtores da indústria cultural, é um trabalhador, cuja produção específica o qualifica como um intelectual, pois a mercadoria que produz são idéias, valores, imagens e sons que explicam o mundo, lhe dão sentido e substrato para sonhá-lo (Berger, 1998, p. 33).*

Traquina (2004, p. 158) complementa esta visão quando afirma que o trabalho jornalístico "é influenciado pelos meios de que a organização dispõe", apontando a influência dos aspectos econômicos na atividade jornalística, sabido que, como argumenta Morin (2002), a economia está fechada em si mesma e de costas para aspectos sociais, culturais e ecológicos. Todas as questões levantadas até aqui podem ser classificadas como limites para a abordagem da questão ambiental no jornalismo.

Neste contexto, compreendemos importante resgatar o que é entendido como essência do jornalismo e que possibilidades este conceito nos coloca. Beltrão (1992), define a essência do jornalismo, dizendo que ele existe "a partir do público, para o público e pelo público" (p. 111). Um pensamento que se justapõe ao de Marques de Mello (1985, p. 10), quando este concebe o jornalismo como um processo social, pois o ser humano sempre teve vontade, interesse e aptidão para saber o que se passa, tendo a informação como requisito para a sociabilidade. Por esta razão, foram viabilizados os meios tecnológicos para que o jornalismo existisse, como reflexo das exigências sócio-culturais crescentes.

O papel social desempenhado pela imprensa através do jornalismo também é ressaltado por Silveira:

*[...] a informação jornalística transmitida através da notícia pelos meios de comunicação, tem uma fundamental influência em todas as instituições e nas pessoas de sociedades com ordens econômicas distintas. A natureza e as características do sistema de comunicação e do ambiente onde são*

*geradas as notícias, têm um papel preponderante no outro lado do processo, qual seja, no público, que irá consumi-las e interpretá-las. (Silveira, 1996, p. 141)*

Bahia (1990) acrescenta que o jornalismo, além de difundir informação, deve promover o bem comum e estimular a troca de idéias, pois é seu “dever mostrar a realidade por trás da aparência” (p. 67), sendo que, como nos lembra Traquina (2004), de forma alguma a realidade pode deixar de ser um fator determinante do conteúdo noticiado.

No entanto, é preciso levar em conta que, cada vez mais há uma representação da realidade social e a imprensa contribui para a isso através do repasse de informações de uma realidade fragmentada. Como que o jornalismo ambiental pode então contribuir para o repasse de informações tão complexas como as que envolvem o meio ambiente?

Para isso é preciso compreender o todo, sem isolar as partes e ver as matérias jornalísticas como promotoras do debate social sobre meio ambiente e levem a população a refletir sobre os perigos da adoção de um desenvolvimento que não seja sustentável para o planeta<sup>1</sup>.

## **A centralidade do tema Sustentabilidade**

Capra (2002) alerta que a expansão ilimitada, calcada na busca de um crescimento econômico contínuo e indiferenciado era claramente insustentável e que poderia levar a uma catástrofe:

*Com efeito, nesta virada de século, já está mais do que evidente que nossas atividades econômicas estão prejudicando a biosfera e a vida humana de tal modo que, em pouco tempo, os danos poderão tornar-se irreversíveis. Nessa precária situação, é essencial que a humanidade reduza sistematicamente o impacto das suas atividades sobre o meio ambiente natural. (Capra, 2002, p. 157)*

No entanto, um dos principais problemas é que os processos culturais de exploração e apropriação da natureza foram instaurados por uma sociedade que partia do pressuposto que os recursos naturais eram infinitos e, por isso, poderiam contribuir para o desenvolvimento econômico desenfreado. Como avalia Leff (2001, p. 15), a visão mecanicista da razão cartesiana converteu-se no princípio constitutivo de uma teoria econômica que predominou sobre os paradigmas organicistas dos processos da vida, legitimando uma falsa idéia de progresso da civilização moderna. Desta forma, a racionalidade econômica banuiu a natureza da esfera da produção, gerando processos de destruição ecológica e degradação ambiental.

Modificações de paradigma só passaram a acontecer a partir de 1950, quando as correntes do pensamento ecológico começaram a tomar forma. Elas compactuam com a chamada cosmovisão contemporânea, que tem como base o pensamento sistêmico. Este, por sua vez, ganha mais força em todo mundo a partir dos anos 70, impulsionado por uma série de movimentos de contra-cultura que passaram a difundir a teoria das

---

<sup>1</sup> Para Leff (2001, p.246-247), os desafios do desenvolvimento sustentável implicam a necessidade de formar capacidades para orientar um desenvolvimento fundado em bases ecológicas de equidade social, diversidade cultural e democracia participativa. Isto estabelece o direito à educação, a capacitação e a formação ambiental como fundamentos da sustentabilidade, que permita a cada pessoa e cada sociedade produzir e apropriar-se de saberes, técnicas e conhecimentos para participar na gestão de seus processos de produção, decidir sobre suas condições de existência e definir a sua qualidade de vida.

redes de relações vivas, fundando um novo paradigma que compreende a Terra não como um planeta com elementos separados, mas um sistema no qual interagem dinamicamente organismos vivos e não vivos. "A teoria dos sistemas vivos envolve uma nova maneira de ver o mundo e uma nova forma de pensar... Significa pensar em termos de relações, padrões e contexto" (Capra, 2003, p. 21). Trata-se de uma visão apresentada na contramão do cartesianismo e fruto de uma ecologização das sociedades.

Falamos de redes de relações vivas, fundantes de um novo e grande paradigma fundamentado inclusive na visão do cosmo (dinâmico, gigantesco e distante), onde a Terra não é um simples planeta com elementos separados, mas um sistema no qual interagem dinamicamente organismos vivos e não vivos. Uma história de evolução de quase quatro bilhões de anos. Esta visão apresenta-se na contramão do cartesianismo, propondo-se fugir de moldes obsoletos e remetendo à cidadania e a solidariedade, fundamentada em olhares ecológicos mais profundos. A proposta visa promover uma superação do pensamento baseado na revolução científica calcada na objetificação da natureza e no reducionismo.

Apesar do advento dessa nova visão, os problemas ambientais continuaram a existir e inclusive se agravaram, até porque muitos são mais antigos do que estas correntes, frutos de uma relação histórica ainda não superada. Grande parte dos problemas ambientais são produzidos pela visão que os homens lançaram sobre a natureza, ou seja, são decorrentes da forma como a percepção do meio foi estabelecida. Ao mesmo tempo em que um novo paradigma emergia, foi justamente nas décadas de 1950 e 1960 que as possibilidades de realizar alterações na natureza foram ampliadas. Meller (1997) cita que se tornaram evidentes os efeitos negativos sobre a qualidade de vida da humanidade, ameaçando as condições dos recursos naturais como água, ar, florestas e começando a comprometer a qualidade de vida das sociedades.

Em 1968, já havia interpretações para esta questão da sustentabilidade, considerando incompatível o desenvolvimento econômico com respeito ao ambiente. Essa foi a declaração de um informe dos universitários do chamado Clube de Roma. Apesar disso, o enfoque é voltado apenas para a natureza e não fala dos países em desenvolvimento, por acreditar-se que esse processo devia interromper um crescimento que ainda não se iniciou.

As discussões maiores tomaram forma em 1972, na Conferência de Estocolmo, que conforme Meller (2002, p. 09) reuniu 113 países e representou um marco para o surgimento de movimentos ambientalistas. Foram tirados da Conferência 23 princípios para conservação e melhoria do ambiente, destacando o uso adequado dos recursos naturais da Terra "para assegurar ao ser humano condições de liberdade, igualdade e ao desfrute de condições de vida adequadas, que possibilitem viver com dignidade e bem estar" (idem, p. 10). Entre os princípios está, também, o compromisso do homem em proteger o ambiente, garantindo a sustentabilidade.

Porém, foi somente em 1980 que o termo Desenvolvimento Sustentável, foi utilizado pela primeira vez pela Aliança Mundial para a Natureza (UICN), um organismo privado de pesquisa. Em 1987, o conceito apareceu em um informe realizado pela ex-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland para a ONU - Organização das Nações Unidas, no qual afirmava-se que um desenvolvimento é duradouro quando responde às necessidades do presente, sem colocar em perigo as capacidades das gerações futuras para fazerem o mesmo. Nos encontros internacionais sobre Meio Ambiente, o conceito tem sido centro das discussões. Em um extremo

situam-se os ecologistas radicais, que defendem o crescimento zero para pôr fim ao esgotamento dos recursos. No outro lado, estão aqueles que acham que o progresso tecnológico permitirá resolver todos os problemas ambientais.

Classificada como a maior reunião sobre Meio Ambiente já promovida, a Segunda Conferência Mundial sobre Meio Ambiente, a Eco-92 ou Rio-92 congregou 100 chefes de Estado e representações de 170 países. "Fez história ao chamar a atenção de todo o mundo para uma questão nova na época: a compreensão de que os problemas ambientais do planeta estão intimamente ligados às condições econômicas e à justiça social" (Mousinho, 2003, p. 363). A RIO 92 ainda trabalhou a adoção de uma visão que integrasse ambiente, social e econômico, pregando o desenvolvimento sustentável como meta para o local, nacional e global.

Um dos eventos internacionais mais recentes na área ambiental foi em 2002. A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+10, foi realizada dez anos após a Rio 92. Estiveram reunidos, em Joanesburgo, na África, 104 chefes de Estado, Ongs, setor empresarial e outros segmentos sociais. A questão central foi "até que ponto o mundo é capaz de mudar o curso para atingir um futuro sustentável?" (Mousinho, 2003, p. 362). As ações necessárias foram compiladas em um Plano de Implementação Mundial, de dez capítulos, com regras, metas e cronogramas para ação sustentável.

Além de uma nova visão assumida pela comunidade científica e da instauração de eventos de grande repercussão social com foco no desenvolvimento sustentável é importante ressaltar o papel desempenhado pelos movimentos sociais ambientalistas, que, segundo Castells (2001, p. 141), conquistaram posição de destaque "no cenário da aventura humana", no último quarto do século XX, contribuindo muito para que as preocupações com a sustentabilidade do planeta e da natureza passassem a ter destaque na esfera dos debates mundiais.

No entanto, a sustentabilidade, apesar de difundida, não é ainda a mola mestra de projetos econômicos e de desenvolvimento na sociedade. Conforme Boff (1995), sustentabilidade vem da Biologia, campo inverso da Economia. Biologicamente falando, temos o equilíbrio das espécies em relação ao meio ambiente, onde o desenvolvimento é feito de todo ecossistema e não de elementos mais fortes dominando os demais. "A sustentabilidade vem desse equilíbrio, e nessa perspectiva não dá para ter um desenvolvimento sustentável nos modernos moldes do capitalismo, porque entre desenvolvimento e ecologia, sempre quebra do lado da ecologia" (Boff, 1995, p. 12). O pensador afirma ainda que o desenvolvimento sustentável deve ser compreendido dentro de linhas e alternativas sócio-políticas (a cidadania, a justiça social, os direitos humanos, a preservação da natureza, a qualidade de vida), na busca de uma economia ecológica e social.

Desenvolvimento Sustentável pressupõe a criação de um modelo econômico capaz de gerar bem-estar, enquanto promove a coesão social e impede a destruição da natureza. Tal modelo buscaria satisfazer as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. Ou seja, utilizar recursos naturais sem comprometer sua produção, fazer proveito da natureza sem devastá-la e buscar a melhoria da qualidade de vida.

Para Guattari (1990), a busca pela sustentabilidade requer a articulação entre três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Essa proposta sugere que o rumo à

sustentabilidade é incompatível com o jogo sem restrições das forças de mercado e dependente de um aparato tecnológico eficiente. É ainda subordinada às ações geradas a partir de percepções individuais e culturais da sociedade.

Em uma coletânea de textos intitulada *Educação para um Futuro Sustentável*, a UNESCO entende que a sociedade tem se mostrado gradativamente mais consciente quanto aos temas ambientais. Segundo a Organização, isso se deve, em parte, à comunicação sobre esse tema que se tornou mais eficaz, mas principalmente, porque os problemas relacionados à questão ambiental têm afetado de forma crescente a vida das pessoas. A tendência é que o debate evolua e se torne mais propenso a promover o Desenvolvimento Sustentável, beneficiando o futuro do planeta.

## **Da Sustentabilidade ao verdejar do jornalismo**

Girardi (2001), argumenta que em vários momentos a imprensa foi aliada do movimento ecológico, apresentando temas e conceitos “até então restritos aos domínios das instituições de pesquisa ou dos cientistas” (p. 59). Neste exemplo inserem-se as noções sobre agrotóxicos, destruição da camada de ozônio, falta de saneamento e as implicações na saúde. Mas o “verdejar” da pauta jornalística requer mais avanços. Para tanto, é pertinente transcrever o que afirma Morin:

*[...] é o problema universal de todo o cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organiza-lás? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento (Morin, 2002 p. 35).*

Meio ambiente não precisa estar restrito à cadernos ou programas de rádio e televisão especializados na questão. Pode fazer parte da pauta diária a partir do momento que se entenda fundamental propor a reflexão sobre a qualidade da informação disponibilizada ao público. Para qualificar a abordagem dos temas:

*[...] os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura (Capra, 1982, p. 400).*

Neste terreno, é emergente a discussão sobre o papel do jornalismo na sociedade. Sabemos que a comunicação sobre ambiente se tornou mais eficaz nos últimos anos, talvez, principalmente, porque os problemas relacionados à questão ambiental têm afetado de forma crescente a vida das pessoas. Mas até que ponto a necessidade de se pensar um futuro ambientalmente sustentável está claro para todos? Operar jornalisticamente neste terreno levanta a necessidade de um jornalista que não reforce o estigma de que meio ambiente é sinônimo de fauna e flora.

A discussão cai também no sentido de pensar se a promoção da reflexão sobre os temas sociais é uma tarefa do jornalismo diário, descentrando sua atuação apenas nos acontecimentos rotineiros. Assuntos específicos da área ambiental devem estar apenas em espaços de jornalismo ambiental? A própria noção de jornalismo especializado gera controvérsias. Como exemplo, trazemos Beltrão.

*Considerando que o jornalismo deve ser a mais ampla síntese de tudo que interessa ou reclama o organismo social, abrangendo por isso todos os setores da vida e do universo há quem considere que as publicações e divulgações de caráter profissional, artístico, literário, científico ou esportivo não são senão 'fragmentos' do jornalismo. O verdadeiro jornalismo seria exclusivamente o que abrangesse os mais diversos e amplos setores, atendendo desse modo à demanda total do público (Beltrão, 1992, p. 78).*

Já contemporaneamente observamos a adoção da noção de especialização como uma fase de maturação e modificação do próprio fazer jornalístico. Traquina observa as fases do jornalismo, apontando o fenômeno mais recente:

*1) a expansão da imprensa; 2) a sua crescente comercialização; 3) um número crescente de pessoas que ganha a vida trabalhando nos jornais; 4) uma crescente divisão do trabalho no jornalismo, com a crescente especialização na profissão emergente (Traquina, 2004, p. 61).*

Lima (2004) reflete que várias áreas científicas mudaram sua forma de abordagem e cabe ao jornalismo também fazer esta mudança. Para ele, há uma certa lacuna

*[...] entre a imprensa brasileira, na sua forma convencional de cobertura da contemporaneidade, e as célebres transformações que ocorrem no mundo. O instrumento de que tem se valido o jornalismo convencional, para a abordagem do real em profundidade, está aquém do possível, se considerarmos os métodos de captação já existentes noutras áreas do conhecimento, se levarmos em conta a ótica sob a qual tem nascido a pauta da imprensa (Lima, 2004, p. 318-319).*

Ainda segundo o autor, para ler o mundo, o jornalismo emprega toda uma bateria de recursos, que traz ao receptor uma compreensão do homem e seu tempo. Esta tarefa pode resultar primeiro numa

*[...] viagem epidérmica pela realidade, da qual provém pouca retenção, um estado de equilíbrio insignificante para uma real compreensão da contemporaneidade; o segundo seria uma visão ácida, crítica, que conduz o leitor a uma espécie de beco sem saída, marcadamente pessimista; o outro seria crítico, mas, ao contrário do anterior, encontraria pistas que podem sugerir possibilidades de um reordenamento construtivo (Lima, 2004, p. 320).*

Para que a visão ambiental se incorpore ao jornalismo, é necessário não se limitar à factualidade ou em aspectos específicos. Deve-se, sim, apontar um sentido ou significado mais amplo, oferecendo elementos para a compreensão do acontecimento ou tema para além do vender informação. Sendo assim, entendemos que o assunto meio ambiente não deve ganhar espaço esporadicamente, nem estar presente apenas em função de acontecimentos normais ou "gerados" pelos atores sociais. Apontamos, sim, para a tarefa da mídia de colocar a reflexão ambiental como ponto fundamental da rotina jornalística.

*Uma vez que o conhecimento sobre a vida social deve ser disseminado para que exerça seus efeitos, a imprensa surge como a principal operadora de reflexividade das sociedades contemporâneas. Os resultados de pesquisas sociológicas... só entram no circuito de reflexividade, isto é, passam a alimentar a consciência dos agentes depois de processados (ou diluídos) através do jornalismo... É claro que podem existir caminhos alternativos, como a publicação de livros de divulgação... porém, a inclusão na pauta dos meios de comunicação representa o diferencial entre o conhecimento científico restrito e massificado" (Miguel, 1999, p. 204).*

Ao falar de Jornalismo Ambiental entendemos o conceito como a inserção da visão ambiental - e neste caso da corrente do pensamento sistêmico, como abordagem dos mais variados assuntos, sejam eles da área econômica, social ou governamental, tendo como pano de fundo a possibilidade da sustentabilidade, por exemplo, quando se constrói uma matéria jornalística noticiando ou analisando questões que se colocam na agenda de um país. Isto passa a ser feito também pelo viés ecológico e da sustentabilidade e a imprensa cumpre papel fundamental neste contexto:

*[...] a informação, aquisição de conhecimento e a integração de esforços são condições "sine qua non" para avançar na construção de uma sociedade sustentável, democrática, participativa e socialmente justa, capaz de exercer efetivamente a solidariedade com as gerações presentes e futuras e, onde a educação passa a adquirir novos significados que contribuem para a efetivação deste processo. "Essa é uma exigência indispensável para a compreensão do binômio "local-global" e para a preservação e conservação dos recursos naturais e socioculturais, patrimônios da humanidade (Medina, 1999, p. 17)*

Só assim estaremos contribuindo para a conscientização da sociedade para o desenvolvimento sustentável, como afirma Canuto:

*[...] somente com a comunicação será possível conscientizar a população, segmentos representativos da sociedade civil e os governos de que o atendimento às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro é uma tarefa de toda a sociedade mundial, não só de uma pessoa, organização e de um só país. (Canuto, 1996, p. 117).*

Toda essa reestruturação da informação envolve igualmente condições para que a preocupação com a justiça social, o respeito à lógica da vida e ao funcionamento do sistema. Por trás de todas essas questões está a essência do jornalismo especializado: uma abordagem preparada e que mostre, argumente, opine e tenha eco na sociedade. Um jornalismo feito para o público e pela vida.

## **Jornalismo Ambiental, a mudança em curso**

Aqui buscamos mostrar que há limites para pensar o meio ambiente no jornalismo, uma vez que ele hoje está condicionado a uma série de fatores políticos e econômicos, pelo fato de ser uma atividade desenvolvida por uma organização. Ao mesmo tempo, procuramos nomear qual é a essência do jornalismo, o que permitiu recuperar que, sim, há uma causa nobre que poderia nortear a atuação dos meios de comunicação na sociedade, visto que estes têm importante papel social a cumprir.

Diante do tema meio ambiente, percebemos a necessidade de atuação de um jornalista sujeito, construtor de uma pauta que leve em conta a discussão de questões básicas para a continuidade da vida no planeta. Na perspectiva das Ciências Sociais, estamos diante do desafio de fazer um jornalismo dialógico e embasado. Um jornalismo reflexivo, capaz de atuar em favor da vida e de ver a teia de relações existentes.

Entendemos que fazer jornalismo ambiental hoje é adotar outra visão de mundo, pelo viés do pensamento complexo e da sustentabilidade, que são correntes até de inspiração biológica, mas comprovadamente ampliadoras da visão humana sobre o planeta e os fenômenos. Tais paradigmas também podem hibridizar o fazer jornalístico, abrindo horizontes para a forma de abordagem do que acontece à nossa volta.

São pontos que dão a certeza de um caminho para que as coisas possam ter o rumo desejado, seja um bom jornalismo, seja um ambiente saudável. Reforça o papel do jornalismo ambiental como promotor do debate, a partir do momento em que ele se debruça sobre a problemática inerente a sustentabilidade da vida no planeta. Imprime também sobre o jornalismo diário, a tarefa de olhar o mundo com os "óculos" ambientais, identificando todos os lados do acontecimento.

Estabelecer as conexões que expliquem o caminho para a sustentabilidade é fazer compreender a teia da vida. O Jornalismo pode ter seu viés ambiental, sendo agregador de conhecimentos, complexo na essência, responsável na elaboração e didático para a recepção. Não se sustenta apenas como um sistema perito, fragmentado ou cartesiano. As matérias precisam ser integradoras e compreensíveis, pois abrangem sempre um público heterogêneo, mesmo em espaços especializados. Numa visão global estes poderiam ser pressupostos da ação jornalística na sociedade e parece não haver outro caminho uma vez que a Comunicação tem, em sua definição, um caráter social. O olhar *holístico* (do grego *holos*) remete à totalidade, chamando-nos à olhar a realidade articulando as partes no todo, no qual tudo é um processo dinâmico e único.

---

## Referências

- BACCHETTA, V. 2000. El periodismo ambiental. In: V. L., BACCHETTA (org), *Ciudadanía Planetaria: temas y desafíos del periodismo ambiental*. Uruguai, Federación Internacional de Periodistas Ambientales/Fundación Fridrich Ebert.
- BAHIA, J. 1990. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4ª ed. Revista e ampliada. São Paulo, Ática, V. 2.
- BELTRÃO, L. 1992. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Com Arte – Clássicos do Jornalismo Brasileiro, 50.
- BERGER, C. 1998. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre, Universidade/UFRGS.
- CANUTO, J. C. 1996. Um novo imaginário social: O Desenvolvimento Sustentável. In: A. de F. M., DENKER et al. (orgs). *Comunicação e Meio Ambiente*. São Bernardo do Campo, Intercom, p. 127-133.

- CHAPARRO, M. C. 1994. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo, Summus.
- CAPRA, F. 2003. Alfabetização Ecológica: O desafio para a Educação do século 21. In: A., TRIGUEIRO (org.). *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro, Sextante.
- \_\_\_\_\_. 2002. *As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável*. São Paulo, Cultrix.
- \_\_\_\_\_. 1982. *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix.
- CASTELLS, M. 1999. *O poder da identidade*. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, V. 2. (A era da informação. Economia, sociedade e cultura). Tradução de Klaus Brandini Gehardt.
- GIRARDI, I. M. T. 2001. O jornalismo ambiental nos cursos de jornalismo. In: N., JACKS, et al. *Tendências na Comunicação: 4*. Porto Alegre, L&PM.
- JOHN, L. 2001. Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania. In: *Ciência & Ambiente*. Santa Maria, UFSM, (23): 87-94, julho-dez 2001.
- LEFF, E. 2001. *Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, Vozes.
- LIMA, E. P. 2004. *Páginas Ampliadas : o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, Manole.
- MEDINA, N. M. 1999. *Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação*. Petrópolis, Vozes, p. 17.
- MELLER, C. B. 1997. *Educação Ambiental como possibilidade para superação da fragmentação do trabalho escolar*. Coleção trabalhos acadêmico-científicos. Dissertação de Mestrado. Ijuí, UNIJUÍ.
- MELLO, J. M. de. 1985. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo, Paulinas.
- MIGUEL, L. F. 1999. O jornalismo como sistema perito. In: *Tempo Social; Ver. Sociol.* São Paulo, USP.
- MOUSINHO, P. 2003. Glossário. In: A., TRIGUEIRO (org.). *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro, Sextante.
- MORAES, D. de. 2003. O capital da mídia na lógica da globalização. In: D. de, MORAES (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, p. 187-216.
- MORIN, E. 2002. *Sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 5ª ed. São Paulo, Cortez; Brasília, DF, UNESCO. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.
- \_\_\_\_\_; KERN, A. B. 2002. *Terra Pátria*. Porto Alegre, Sulina. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva.
- \_\_\_\_\_. 2003. Uma mundialização plural. In: D. de, MORAES (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, p. 349-366.
- SILVEIRA, M. Â. da. 1996. Comunicação Rural e sustentabilidade agrícola. In: A. de F. M., DENKER, et al. (Orgs). *Comunicação e Meio Ambiente*. São Bernardo do Campo, Intercom, p. 139-143.

SODRÉ, M. 2003. O globalismo como neobarbárie. *In: D. de, MORAES (org.), Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.* Rio de Janeiro, Record, p. 21-40.

TRAQUINA, N. 2004. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.* Florianópolis, Insular.

VIEIRA, A. S. 1998. Saber Real. *In: Tendências em Comunicação.* Porto Alegre, LPM&RBS.

UNESCO. 1999. *Educação para um futuro sustentável: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas.* Brasília, IBAMA.